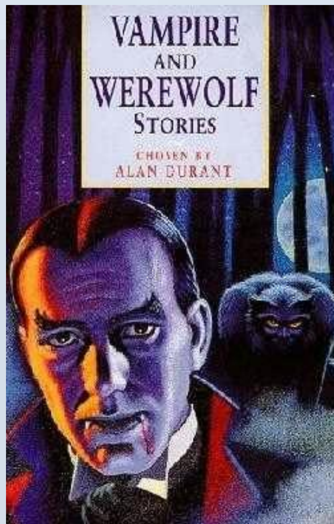
Tradução, revisão, formatação: Comunidade **RTS – ORKUT**:



Angela Carter

(conto)



EM COMPANHIA DE LOBOS

Uma fera e só um uivo nas noites do bosque.

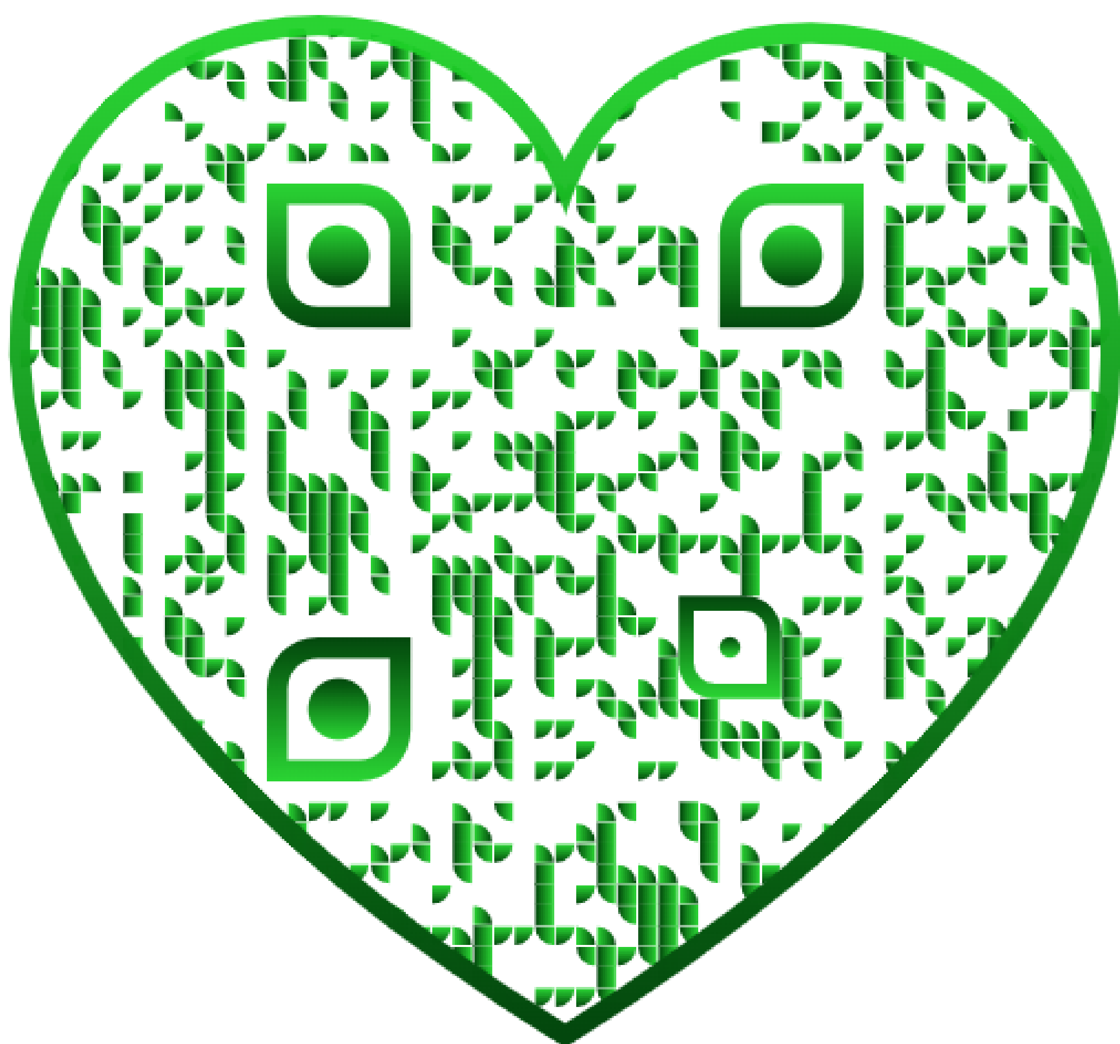
O lobo é um carnívoro encarniçado e é tão ladino como feroz; se tiver gostado do sabor de carne humana, já nenhuma outra o satisfará.

De noite, os olhos dos lobos reluzem como chamas de uma candeia, amarelados, avermelhados; mas isso é assim porque as pupilas de seus olhos se dilatam na escuridão e captam a luz de sua lanterna para refleti-la sobre você... perigo vermelho; quando os olhos de um lobo refletem tão somente a luz da lua, cintilam um verde frio, sobrenatural, uma cor esquisita, mineral.

O viajante noturno que vê de súbito essas lentejoulas luminosas, terríveis, engastadas nos negros matagais, sabe que deve pôr-se a correr, se é que o terror não o paralisou.

Mas esses olhos são tudo que poderá vislumbrar dos assassinos do bosque que se apinham, invisíveis, em volto de seu aroma de carne, se cruzamentos o bosque a horas imprudentemente tardias. Serão como sombras, como espectros, os cinzas confrades de uma congregação de pesadelo; escuta! Escuta o longo uivo... uma ária de terror súbitamente audível.

A melopéia dos lobos é o trêmulo canto da agonia que terá que sofrer, uma morte violenta.





Inverno. Inverno e frio. Nesta região de bosques e montanhas não ficou para os lobos nada que comer. Sem cabras nem ovelhas, agora encerradas nos estábulos, sem os veados que partiram para ladeiras mais meridionais em busca dos últimos pastos, os lobos estão enfraquecidos, famintos. Tão escassa é sua carne que poderia contar, através da pele, as costelas dessas animalias esfomeadas, se acaso lhe dessem tempo antes de atirar-se sobre você. Essas mandíbulas que gotejam baba; a língua ofegante; a fria saliva queixo grisalho. De todos os perigos que espreitam na noite e o bosque - aparições, trasgos, ogros que assam meninos na churrasqueira, bruxas que cevam cativos em jaulas para seus festins canibais-, de todos, o lobo é o pior porque não atende razões.

No bosque, onde ninguém habita, sempre se está em perigo. Se transpuser os portais dos grandes pinheiros, ali onde os ramos hirsutos se emaranham para o encerrar, para apanhar em sua rede o viajante incauto, como se a vegetação mesma estivesse confabulada com os lobos que ali moram, como se as pérfidas árvores saíssem para pegar seus amigos... se transpuser os bosques, faça-o com a maior cautela e com infinitas precauções, pois se por um instante se desviar de seu caminho, os lobos o devorarão. São cinzas como a fome, desumanos como a peste.

As crianças de olhos graves das dispersadas aldeiazinhas, sempre levam facas quando saem a pastorear os pequenos currais de cabras que provêem as famílias de leite azedo e queijos rançosos e bichados. Suas facas são quase tão grandes como eles; e as folhas se afiam cada dia.

Mas os lobos sabem como aproximar-se até seu mesmo de seu fogão. E apesar de nós não lhes dermos trégua, não é sempre que conseguimos mantê-los à distância. Não há noite de inverno em que o lenhador não tema ver um focinho afiado, cinza, esfomeado, farejando por debaixo da porta; e certa vez uma mulher foi atacada em sua própria cozinha enquanto preparava o macarrão.

Tema o lobo e fuja dele; pois o pior é que o lobo pode ser algo mais do que aparenta.

Houve uma vez um caçador, perto daqui, que apanhou um lobo em um fosso. O lobo tinha dizimado os rebanhos de cabras e ovelhas; devorou a um velho louco que vivia sozinho em uma choça montanha acima, entoando louvores a Deus o dia inteiro; tinha atacado uma moça que estava cuidando suas ovelhas, mas ela tinha armado tal alvoroço que os homens foram com rifles, o afugentaram e até trataram de lhe seguir o rastro entre a folhagem; mas o lobo era ardiloso e os deixou para trás. Assim que este caçador cavou um fosso e pôs nele um pato, a modo de chamariz, vivinho e abanando o rabo, então cobriu o fosso com palha lubrificada de excrementos de lobo. Cuac, cuac, gritava o pato, e um lobo emergiu sigiloso da espessura; um lobo grande, corpulento, pesado como um homem adulto: a palha cedeu sob seu peso e o lobo caiu na armadilha. O caçador saltou detrás dele, degolou-o e lhe cortou as garras como troféu; mas de repente já não foi um lobo o que tinha diante, mas o tronco ensangüentado de um homem, sem cabeça, sem pernas, moribundo, morto.

Em outra ocasião, uma bruxa do vale transformou em lobos todos os convidados em uma festa de casamento, e isso porque o noivo a tinha preterido por outra moça. Estava acostumado a lhes ordenar, por despeito, que a fossem visitar de noite e então os lobos se sentavam ao redor de sua cabana e uivavam a serenata de seu infortúnio.

Não há muito, uma jovem mulher de nossa aldeia casou com um homem que desapareceu como por encanto na noite de casamento. A cama estava coberta com lençóis novos e sobre elas se deitou a recém-casada; o noivo disse que ia ao banheiro, insistiu nisso, por pudor, e então ela se



cobriu com edredom até o queixo e assim o esperou. E esperou, e esperou, e seguiu esperando - - - não está demorando muito?- até que finalmente levantou-se de um salto e gritou ao ouvir um uivo que o vento trouxe da mata.

Esse uivo longo, modulado, pareceria insinuar, em que pese a suas arrepiantes ressonâncias, um tom de tristeza, como se as feras desejassem ser menos ferozes mas não soubessem como e não cessassem nunca de chorar sua desventurada condição. Há nos cânticos dos lobos uma vasta melancolia, uma melancolia sem fim como a floresta, interminável como as longas noites do inverno. E entretanto essa horrenda tristeza, essa condolência de seus próprios, irremediáveis apetites, jamais poderá nos comover, já que nenhuma só frase deixa entrever neles uma possível redenção; para os lobos, a graça não tem que vir de seu próprio desconsolo mas sim através de um mediador; e é por isso que se diria, às vezes, que a fera acolhe quase com regozijo a faca que acabará com ela.

Os irmãos da jovem revistaram abrigos e celeiros mas não acharam resto algum; de modo que a sensata jovem secou suas lágrimas e buscou outro marido menos tímido, que não tivesse receio em urinar em um cacharro e em passar as noites sob o mesmo teto. Deu-lhe um par de vistosos bebês e tudo foi muito bem, até que certa noite gelada, a noite do solstício, o momento do ano em que as coisas não engrenam tão bem como deveriam, a mais longa de todas as noites, seu primeiro marido voltou para casa.

2

Um violento murro na porta anunciou sua volta quando ela revolvia a sopa para o pai de seus filhos; reconheceu-o no mesmo instante em que levantou a tranca para fazê-lo passar, apesar de que há muitos anos não o visse, e que o homem estivesse agora vestido de farrapos, o cabelo cheio de piolhos caindo-lhe aos ombros, sem ter visto um pente em anos.

-Aqui me tem de volta, dona -disse-. Prepare-me um prato de couves. E que seja logo.

Quando o segundo marido entrou com a lenha para o fogo e o primeiro compreendeu que ela tinha dormido com outro homem, e o que é pior, quando cravou seus olhos avermelhados nos pequeninos que deslizaram até a cozinha para o que causava tanto barulho, gritou:

- Oxalá fosse lobo outra vez para dar uma lição a esta puta! E na hora em lobo se transformou e arrancou o pé esquerdo da maioria das crianças, antes de que com o machado lhe partissem em duas a cabeça. Mas quando o lobo jazia sangrando, lançando seus últimos estertores, sua pelagem voltou a desaparecer e foi outra vez tal como tinha sido anos atrás quando fugiu do leito nupcial; e então ela pôs-se a chorar e o segundo marido o propinó uma sova.

Dizem que há um ungüento que o Diabo oferece e que o trasnformará em lobo no momento mesmo em que você se esfregar com ele. Ou se tiver nascido de nádegas e tinha por pai a um lobo, e então, seu torso será o de um homem mas suas pernas e suas genitálias de um lobo. E que também seu coração é de lobo.

Sete anos é o lapso de vida natural de um lobisomem, mas se queimarem suas roupas humanas ele estará condenado a ser lobo pelo resto de sua vida; é por isso que as velhas comadres supõem que se jogar no lobisomem um avental ou um chapéu estará de algum modo protegido, como se o hábito fizesse o monge. E mesmo assim, pelos olhos, esses olhos fosforescentes, poderá reconhecê-lo; são os olhos só o que permanece invariável em sua metamorfose.



Antes de transformar-se em lobo, o licantropo se desnuda por completo. Se por entre os pinheiros espionar um homem nu, deverá fugir dele como do Diabo.

É pleno inverno e o petirrojo, o amigo do homem, pousa na pá do lavrador e canta.

É, para os lobos, a pior época do ano, mas essa menina teimosa insiste em cruzar o bosque. Está certa de que as feras selvagens não podem lhe fazer nenhum mal mas, precavida, põe uma faca na cesta que sua mãe encheu de queijos e pães. Há uma garrafa de áspero licor de amoras, uma fornada de pasteizinhos de aveia cozinhados na soleira do fogão; um ou dois potes de geléia. A menina de cabelos de linho levará estes deliciosos presentes à sua avó, que vive encerrada, tão velhinha que o peso dos anos a está triturando. Abuelita está a duas horas de marcha através do bosque invernal; a pequena se envolve em seu grosso xale, cobrindo com ele a cabeça como capuz. Calça os robustos tamancos; está vestida e pronta, e hoje é a véspera de Natal. A maligna porta do solstício balança ainda sobre suas dobradiças, mas ela foi sempre uma menina muito amada para sentir medo.

Nesta região agreste, a infância das crianças nunca é longa , aqui não existem brinquedos, de modo que desde pequenos trabalham duro e logo se tornam sensatos; mas esta, tão bonita, a filha menor e um tanto tardia, foi mimada por sua mãe e pela avó, que tricotou o xale vermelho que hoje reluz, brilhante mas detestável como sangue sobre a neve. Seus peitos logo começaram a arredondar-se; seu cabelo, semelhante ao linho, é tão claro que quase não faz sombra sobre sua fronte pálida; suas bochechas, de um branco e um rubro emblemáticos; e recentemente ela começou a sangrar como mulher, esse relógio interior soará para ela de agora em diante uma vez ao mês.

Ela existe, existe e se move dentro do pentáculo invisível sua virgindade. É um ovo intacto, uma vasilha selada; tem em seu interior um espaço mágico cuja porta está fechada hermeticamente por uma membrana; é um sistema fechado; não conhece o tremor. Leva sua faca e não teme nada.

Se seu pai estivesse em casa, talvez ele a tivesse proibido, mas ele está no bosque, cortando lenha, e sua mãe é incapaz de lhe negar nada.

Como um par de queixadas, o bosque se fechou sobre ela.

Sempre há algo que ver na espessura, inclusive na plenitude do inverno: Apinham-se em montes os pássaros que sucumbiram à letargia da estação, amontoados nos ramos rangentes e muito melancólicos para cantar; as brilhantes orlas dos cogumelos de inverno nos troncos das árvores; pisadas cuneiformes dos coelhos e veados; os espinhosos rastros das aves; uma lebre esquálida como uma fatia de toucinho deixando uma esteira através do atalho onde a tênue luz do sol salpica os ramos vermelhos das samambaias do ano que passou.

Quando a menina ouviu ao longe o uivo horripilante de um lobo, sua mãozinha acostumada saltou até o cabo da faca, mas não viu rastro algum de lobo nem de homem nu; ouviu, sim, um som de castanholas entre os matagais, e uma pessoa vestida dos pés a cabeça saltou no atalho; muito jovem e arrumado, com sua casaca verde e e chapéu de asa larga de caçador, e carregado de carcaças de aves silvestres.

Ao primeiro rangido de ramos, ela teve já a mão no punho da faca, mas ele ao vê-la-se pôs-se a rir com cintilar de dentes blanquísimos e a saudou com uma cômica mas aduladora reverência; ela



nunca tinha visto um homem tão arrumado, não entre os rústicos moradores de sua aldeia natal, e assim, juntos, continuaram o caminho na crescente penumbra do entardecer.

Logo estavam rindo e brincando como velhos amigos. Quando ele se ofereceu para levar a cesta, a menina a entregou, embora sua faca estivesse nela, porque lhe disse que seu rifle os protegeria.

Anoitecia, e de novo começou a nevar; ela começou a sentir os primeiros flocos que pousavam em suas pestanas, mas só ficava meia milha de marcha e haveria sem dúvida um fogo aceso, um chá quente e uma bem-vinda cálida para o intrépido caçador e para ela mesma.

O jovem levava no bolso um objeto curioso. Era uma bússola. A menina olhou a pequena esfera de cristal na palma de sua mão e viu oscilar a agulha com uma vaga estranheza. O lhe assegurou que essa bússola o tinha guiado são e salvo através do bosque em sua partida de caça, já que a agulha sempre dizia com perfeita exatidão onde ficava o norte. Não acreditou; sabia que não devia se desviar do caminho, pois se o fizesse poderia extraviar-se na espessura.

Ele riu dela uma vez mais; rastros de saliva brilhavam aderidos a seus dentes. Disse que se ele se desviava do atalho e entrava na espessura circundante, podia lhe garantir que chegaria à casa da avó um bom quarto de hora antes que ela, procurando o rumo através do bosque com a ajuda de sua bússola, porém ela tomava o caminho mais longo pelo atalho em ziguezague.

- Não acredito, e além disso, não tem medo dos lobos? – Ela indagou.

Ele bateu na reluzente culatra de seu rifle e sorriu.

- É uma aposta?, perguntou-lhe; quer que apostemos algo? O que me dará se chegar à casa de sua avó antes de você?

- O que você gostaria? - perguntou ela, não sem certa malícia.

- Um beijo.

Os lugares-comuns de uma sedução rústica; ela baixou os olhos e ruborizou.

O caçador se internou na espessura levando a cesta, mas a menina, em apesar de a lua já subir pelo céu, esqueceu-se de temer às feras; e queria atrasar-se no caminho para estar segura de que o galhardo caçador ganharia sua aposta.

A casa da avó se elevava, solitária, um pouco separada do povoado. A neve recém-caída borbulhava em redemoinhos no pomar, e o jovem se aproximou com passos cautelosos à porta, como se não quisesse molhar os pés, balançando seu embornal de caça e a cesta da menina, enquanto cantarolava uma canção.

Há um leve rastro de sangue em seu queixo; esteve mordiscando suas presas.

Bateu à porta com os nódulos.

Velha e frágil, a avô sucumbiu já um tanto à dor de seus ossos e está quase pronta a sucumbir por completo. Há uma hora, um moço veio da aldeia para lhe acender o fogo da noite e a cozinha crepita com chamas inquietas. Sua Bíblia a acompanha, é uma anciã piedosa. Está recostada contra vários travesseiros, em uma cama embutida na parede, ao uso camponês, envolta na manta de retalhos que ela mesma confeccionou antes de casar-se, há mais anos que os que queria recordar.

Dois cães cocker de porcelana, com manchas vermelhas no corpo e focinhos negros, estão sentados a cada lado do lar. Há um toldo brilhante, tecida com trapos velhos, sobre as telhas acanaladas. O tic-tac do grande relógio de pé marca o desgaste das horas de sua vida.



Uma vida dada de presente afugenta aos lobos.

Com seus nódulos peludos, ele bateu na porta.

- Sua netinha - entoou, imitando uma voz de soprano.

- Levante a aldraba e entre, minha querida.

O reconhece por seus olhos, os olhos de uma besta açougueira, olhos noturnos, devastadores, vermelhos como uma ferida; já pode lhe jogar sua Bíblia e também seu avental, avó, você acreditava que esta era uma profilaxia segura contra esta praga invernal... Agora apela para Cristo e sua Mãe e todos os anjos do céu para que a protejam, mas de nada adianta.

Seu focinho bestial é afiado como uma faca; ele deixa cair sobre sua mesa dourada carga de roídos faisões, e também a cesta de sua netinha querida. Oh, meu Deus, o que fizera a ela? Fora o disfarce, essa jaqueta de tecido das cores do bosque, o chapéu com a pluma trespassada; o cabelo emaranhado lhe cai com uma juba sobre a camisa branca, e ela pode até ver o bulir dos piolhos. Na lareira a lenha se agita e chia; com a escuridão enredada em hirsuta juba, a noite e o bosque entraram na cozinha.

Ele tira a camisa. Sua pele tem a cor e a textura do pergaminho, uma franja arrepiada de cabelo corre de cima abaixo por seu ventre, seus os bicos dos mamilos são amadurecidos e bronzeados como frutos venenosos, mas seu corpo é tão magro que poderia lhe contar as costelas sob a pele se houvesse desse tempo para isso. Tira as calças e ela vê quão peludas são suas pernas. Seus genitais, enormes. Ah, enormes!

A última coisa que a anciã viu neste mundo foi um homem jovem, os olhos como brasas, nu como uma pedra, aproximando-se de sua cama.

O lobo é um carnívoro faminto.

Quando terminou com a avó, lambeu o queixo e logo voltou a vestir-se até ficar tal como estava quando entrou por aquela porta. Queimou o cabelo indigesto na lareira e envolveu os ossos em um guardanapo que escondeu debaixo da cama, na mesmo arca de madeira na que achou um par de lençóis limpos. Estendeu-os cuidadosamente sobre a cama, dobrou os manchados de sangue, que amontoou na cesta da roupa suja, esponjou os travesseiros e sacudiu a manta, levantou a Bíblia do chão, fechou-a e a pôs sobre a mesa. Tudo estava como antes menos a avózinha, que tinha desaparecido. A lenha crepitava na lareira, o relógio fazia tic-tac, e o jovem esperava paciente, ladino junto à cama, com a touca de dormir da anciã.

Tap-tap-tap.

- Quem está aí? – Falou ele, no quebrado falsete de velhinha.

- Sua neta, vovó!

E a menina entrou trazendo consigo uma rajada de neve que se derreteu em lágrimas sobre os ladrilhos, um pouco decepcionada talvez, ao ver só a sua avó sentada junto ao fogo. Mas ele de repente jogou a manta, saltou à porta e se apoiou contra ela de costas para impedir que a menina voltasse a sair.

A menina lançou um olhar em torno e advertiu que não havia nem sequer o abaulado que deixa uma cabeça sobre o travesseiro e, que estranho, a Bíblia, pela primeira vez, fechada sobre a mesa. O tic-tac do relógio estalava como um látego. Quis tirar a faca da cesta mas não se atreveu a estender o braço porque os olhos dele estavam cravados nela: olhos enormes que agora pareciam



irradiar uma luz única, olhos grandes como terrinas, terrinas de fogo grego, fosforescência diabólica.

- Que olhos tão enormes você tem!

- Para te olhar melhor.

Nem rastros da anciã, exceto uma mecha de cabelo branco aderido à casca de um pedaço da lenha sem queimar. Ao vê-lo, a menina soube que corria perigo de morte.

- Onde está minha avó?

- Aqui não há ninguém mais além de nós dois, minha adorada.

De repente, um imenso uivo se elevou em volta deles, próximo, muito próximo, tão próximo como o pomar; o uivo de uma multidão de lobos; ela sabia que os piores lobos são peludos por dentro, e tremeu, apesar xale escarlate que amarrou um pouco mais ao redor do corpo como se pudesse protegê-la, embora fosse a tão vermelho como o sangue que ela teria que derramar.

- Quem veio nos cantar canções de natal? - perguntou.

- São as vozes de meus irmãos, querida; adoro a companhia dos lobos. Apareça na janela e os verá.

A neve tinha obstruído a visão e ela a abriu para esquadrinhar o jardim. Era uma noite branca de lua e de neve; a borrasca formava redemoinhos em volta das feras cinzas, mirradas, que, sentadas sobre suas ancas no meio das fileiras de couves de inverno, apontavam seus afiados focinhos para a lua e uivavam como se lhes partisse o coração. Dez lobos; vinte lobos... Tantos lobos que ela não podia contá-los, uivando em uníssiono, como enlouquecidos ou se desesperados. Seus olhos refletiam a luz da cozinha e cintilavam como centenares de velas.

- Faz muito frio, coitadinhos - disse ela.

Fechou a janela ao lamento dos lobos, tirou o xale escarlate, da cor das papoulas, a cor dos sacrifícios, a cor de suas menstruações e, já que de nada lhe adiataria o medo, parou de ter medo.

- O que farei com meu xale?

- Joque no fogo, minha amada. Já não precisa mais disso.

Ela enrolou o xale e o jogou nas chamas, que imediatamente o consumiram. Tirou a blusa por cima da cabeça. Seus seios pequenos rutilaram como se a neve tivesse invadido a habitação.

- O que farei com minha blusa?

- Também no fogo.

A fina musselina saiu voando como um pássaro mágico em labaredas pela chaminé, e ela agora tirou a saia, as meias de lã, os tamancos; e também ao fogo foram parar e desapareceram para sempre; a luz das chamas se refletia nela através dos contornos de sua pele; só a vestia agora seu intacto tegumento de carne. Assim, incandescente, nua, penteou o cabelo com os dedos. Seu cabelo parecia branco, branco como a neve de fora. De repente se encaminhou para o homem dos olhos cor sangre com a desordenada cabeleira. Ergueu-se naspontas de pé e lhe desabotoou a gola da camisa.

- Que braços tão grandes tem...

- Para te abraçar melhor.

E quando por própria vontade lhe deu o beijo que lhe devia, todos os lobos do mundo uivaram um hino nupcial do outro lado da janela.



- Oh, que dentes tão grandes você tem....

Notou que as mandíbulas dele começavam a salivar, e a casa ficou inundada do clamor do Liebestod da selva, mas a ardilosa menina nem se arredou sequer para ouvir a resposta.

- Para comê-la melhor.

A menina rompeu a rir. Sabia que ela não era comida para ninguém. Riu-lhe na cara, arrancou-lhe a camisa de um puxão e a jogou ao fogo, na ardente esteira da roupa que ela mesma tirara. As chamas dançaram como almas penadas na noite das Bruxas e os velhos ossos debaixo da cama começaram a tocar castanholas, mas ela não lhes prestou atenção.

- Carnívoro encarnado, só a carne imaculada o apazigua.

Ela apoiou sobre o colo a terrível cabeça, acaricou os repulsivos cabelos, como ele ordenou, tal como o faria em uma cerimônia nupcial selvagem.

Cessou a tempestade.

E a tempestade cessou deixando as montanhas tão cobertas de neve como se uma cega tivesse lançado sobre elas um lençol; os ramos mais altos dos pinheiros do bosque ficaram brancos, rangentes, cheios de neve.

Luz de neve, luz de lua, uma confusão de rastros de garras.

Tudo erm silêncio, tudo em quietude.

Meia-noite; e o relógio dá as horas. É dia de Natal, o natalício dos licantropos, a porta do solstício está aberto; deixem que todos se afundem.

Olhem!

Ela dorme, doce e profundamente, na cama da avó, entre as garras do lobo carinhoso.

***